

DA INFLUÊNCIA DA RELIGIÃO DOS GREGOS SÔBRE O PENSAMENTO MODERNO

Vilém Flusser

São Paulo

A: *A metamorfose dos gregos.* A maneira pela qual vislumbramos os gregos caracteriza muito mais nossa própria civilização que a civilização grega. A Idade Média via nêles um povo pagão, dedicado ao culto do diabo, no meio do qual surgiu, inexplicavelmente, Aristóteles, o sumo filósofo, o padrão da sabedoria quanto ao mundo profano. No Renascimento os gregos se tornaram os mestres das artes plásticas e da arquitetura, possuidores dos cânones definitivos da beleza. E surgiu Platão, o precursor do Cristianismo, uma espécie de reformador evangélico antes de Cristo. Durante o Classicismo a Europa saiu, nas palavras de Goethe, "procurando com a alma a terra dos gregos". E encontrou os paradigmas da severidade racional e anti-sentimental nas artes plásticas, no teatro e no pensamento filosófico. Os Românticos, que procuravam reencontrar a sua alma sensitiva nas fontes germânicas da Europa, no silêncio escuro das igrejas, nas Índias fabulosas, e entre os bravos selvagens do Oeste americano, tinham um leve desprezo pelos gregos, e os consideravam responsáveis pela mediocridade e pelo clima enfadonho do classicismo. O fim do século 19 descobriu os pré-socráticos e as tendências pseudo-empíricas e paracientíficas dos gregos. Os gregos se tornaram fundadores do abençoado espírito científico ocidental e era preciso reconquistar a honestidade intelectual e a frescura teórica dos pensadores jônicos. Nos dias que correm, presenciamos uma reviravolta abrupta da nossa visão dos gregos. Quando Heidegger diz que "somos uma conversação com os gregos", não pensa em Aristóteles nem Arquimedes, em Praxíteles nem Aristofanes. Pensa naquilo que Parmenides, Heráclito e Tales se esforçaram por reconstruir (por já ter caído quase em esquecimento): a ontologia escondida dos gregos ar-

caicos. Nosso tempo, tendo despertado do sono anti-religioso do século passado, procura na Grécia a vivência de palavras como "hyle", "eidos", "logos", "on", "sophia", enfim a face religiosa dos gregos. O brado tantas vezes repetido: "voltemos aos gregos" significa portanto a busca em território grego daquilo que o Ocidente necessita em um dado momento. Atualmente significa a procura da religião dos gregos.

B: *O método de aproximação.* Essa religião deixou de existir há mais de dois mil anos como fé vivida e não se cristalizou em escrituras sagradas. O que dela resta são achados arqueológicos, complexos de conceitos espalhados pelas obras de literatura, arte plástica e filosofia dos gregos da época clássica, e a herança que essa religião deixou no nosso próprio subconsciente. Existem, portanto, três métodos de reconstituí-la: (1) o método arqueológico, (2) o método de crítica literária, e (3) o método introspectivo. Esses três métodos, em seu conjunto, fazem surgir das brumas de um passado semi-lendário a imagem do mundo conforme a religião dos gregos. Uma imagem anterior à toda especulação filosófica, portanto mais "autêntica", e uma fonte principal das "Weltanschauungen" da atualidade. Tentarei resumir, em poucas palavras, essa imagem.

Quando as tribos helênicas invadiram a Grécia, trouxeram consigo crenças religiosas comuns aos povos indo-germânicos, parentes portanto das visões dos Richis das Vedas, e de Zaratustra. Encontraram no solo da Grécia e da Ásia Menor o conceito religioso básico da Grande Mãe (Demeter-Astarte-Ishtar-Isis), entraram em contacto com as antiquíssimas religiões da Mesopotâmia e do Egito, e, talvez, com a experiência religiosa judia. Nunca foi conseguida uma síntese dessas influências heterogêneas pela religião grega. Jamais esta se tornou um organismo fechado, uma igreja. Sempre se distinguiram duas tendências, às vezes paralelas, às vezes contraditórias, mas influenciando sempre uma à outra: a órfica e a olímpica, a dionisiaca e a apolínic, a hermética e a atênica, a pânica e a jovial, (ou quaisquer que sejam os nomes que queiramos dar a êsses dois aspectos da alma grega). Os gregos participaram de dois mundos. Essa situação é comparável à da sociedade e da alma do nordestino brasileiro. Nessa comparação corresponde à religião olímpica o catolicismo, e à religião órfica a macumba. Um historiador pertencente a uma civilização resultante da atual civilização baiana que quisesse explicar, no ano 5000 depois de Cristo, as suas fontes espirituais, se encon-

traria diante de uma tarefa comparável àquela que estou empreendendo.

C: A religião olímpica. A imagem do mundo que nos oferece esta religião é a de um organismo vivo. As partes do mundo são seus órgãos, os processos do mundo são seu metabolismo. Esse organismo move-se de forma ordenada e rítmica, inspira e expira. Dentro desse movimento corresponde um lugar e um papel determinado à toda parte do mundo. O lugar da pedra é o chão, e o papel da pedra é, portanto, o de cair à terra. O lugar do pássaro é o ninho, o papel do pássaro é, portanto, o de voar para o ninho. Quando algo se desloca do seu lugar justo dentro do processo do metabolismo cósmico, é reconduzido, por necessidade, ao seu lugar original de direito. Daí o conceito da justiça, da necessidade, da lei no sentido grego. A respiração cósmica, o hálito que invade tudo e faz que tudo viva, é pneuma. Cada coisa projeta, em consequência, como que uma sombra viva, a psique. Dentro de cada coisa esconde-se essa sombra. Toda motanha, todo rio, toda pedra esconde uma ninfa, um gênio, um deus. Essas vidas secundárias estão subordinadas à vida geral do cosmos. O super-animal cósmico é dirigido por uma espécie de cérebro: pelos deuses do Olimpo. Como o cérebro do corpo humano é governado por leis da biologia, também os deuses do Olimpo são governados por uma lei: pela necessidade. Como pode haver conflito entre diversos impulsos nervosos dentro do cérebro humano, também podem surgir conflitos entre os deuses. Como cada parte do corpo humano é subordinada a um ou mais centros nervosos no cérebro, também cada parte do mundo é subordinada a um ou mais deuses olímpicos: Hélios dirige o sol, Posêidon o mar, Hefáistos o fogo. Mas cada deus pode influir sobre o mundo inteiro e representa, portanto, um aspecto específico da totalidade do mundo: Athene simboliza o mundo-razão, Apolo o mundo-harmonia, Afrodite o mundo-fertilidade criadora, Ares o mundo-dialéctica de tendências em luta. Zeus simboliza o foco comum desses aspectos: a justiça. Em seu conjunto, o panteon dos deuses simboliza a força viva do mundo, o "élan vital", para falar-se com Bergson.

O homem é uma cópia do mundo em miniatura é um microcosmos. Portanto serve como medida para o mundo (anthropos metron panton), e conhecendo-se a si mesmo (gnoti se auton) conhecerá, de certa forma, o mundo inteiro. O homem experimenta dentro de si a lei que rege o mundo, a necessidade (ananke), de duas maneiras: (1) sente-se empurrado (moira), e (2) sente-se puxado (tyche). Entre essas duas forças,

a da causalidade e da entelêquia, situa-se o estreito e precário espaço da liberdade humana. A tragédia e a beleza da situação humana residem na tentativa vã e prometeica de alargar o território da liberdade. Há, para o homem, duas alternativas: rebelar-se contra a lei da necessidade e perecer heróicamente, (hybris), ou sujeitar-se e ajeitar-se à necessidade e negociar com os deuses (arete). A possibilidade da rebeldia equipara o homem aos deuses, mas o destrói. Mas é na possibilidade de organizar a vida de tal forma que não contrarie a lei da necessidade que reside a sabedoria (sophia). E a sabedoria é a maior virtude, o sábio o maior dos homens, segundo os gregos.

D: A religião órfica. A imagem que nos oferece essa religião é pouco nítida, é nebulosa, é a de um segrêdo velado. Esse segrêdo é desvendado ao iniciado por Orfeu, profeta, cantor, sacerdote, (talvez rei) da Trácia. Ampliando o culto dionisiaco, (por sua vez modificação do culto de Pan) Orfeu proporcionou aos mortais os meios de vencer o mundo, tomar contacto com a realidade escondida, alcançar a imortalidade. O mundo é um ciclo nefasto de forças ameaçadoras, cheio de terríveis vêzes mortos, devorados e resuscitados. A humanidade surge das cinzas de titans mortos por raios celestes depois de haverem devorado o deus. Portanto a humanidade consiste de uma parte titânica (ruim) e uma parte divina. Todo mortal passa por um ciclo de reincarnações (kiklos tês geneseos), para purificar-se de sua herança titânica (katharsis). No fim do ciclo torna-se divino, torna-se Zagreu, o qual é novamente devorado pelos titans, e assim ad infinitum.

Foi para quebrar esse ciclo nefasto que Dionísio se incarnou, se tornou Orfeu, para ensinar aos mortais o caminho da salvação e da vida. Com a força da música Orfeu vence a natureza (os animais ferozes e as pedras choram ao ouvir o seu canto), e vence a própria morte, penetrando em seu reino para salvar e ressuscitar sua mulher, Eurídice. Essa, entretanto, desobedece a certas regras mágicas e torna a morrer. As mulheres da Trácia, enraivecidas pelo ciúme, rasgam Orfeu e o comem vivo. Mas, tendo comido de sua carne, são libertadas do ciclo das gerações, são purificadas, não necessitando reincarnar-se.

Com base nessas crenças confusas, fundidas com outras semelhantes, (tendo por protagonista Hermes, Demeter, Kore etc.), surgiram os mistérios. Neles foi repetido simbolicamente o que os Titans tinham feito com Zagreu e as mulheres com

Orfeu: foi rasgado um bode vivo, cuja carne foi comida e cujo sangue foi bebido. O ato de devorar o deus incarnado (orgia), unia o iniciado ao deus em comunhão mística, e o resultado era a incorporação do deus no homem (entusiasmo). Tudo isto se desenvolvia numa atmosfera emocional, tanto no sentido espiritual como sexual da palavra, numa atmosfera intoxicada. O vinho, dádiva de Dionísio, corria abundantemente e simbolizava o sangue do deus. Esses ritos barbáricos se desenrolaram a poucos quilômetros de Atenas, (em Eleusis), sob os olhares derisivos, mas profundamente interessados, dos intelectuais atenienses. Atrás das portas hermêticamente fechadas (fechadas por Hermes) os mistagogos rasgavam portanto o véu das aparências, para salvar as almas, libertando-as da morte, e para desvendar o segrêdo do mundo (aletheia), segrêdo este que consiste no fato seguinte: no fundo das aparências se esconde a harmonia fundamental a um tempo matemática e música, a realidade consiste em números que são regidos por leis da harmonia. Este segrêdo é bem guardado e mais tarde, por Pitágoras e por Platão, será proclamado e portanto traído.

E: Tentativa de catalizar as duas religiões. Dadas as duas concepções como se apresentou ao grego arcaico o mundo? Viviam, necessariamente, num mundo dividido. Um era aparente, empírico, um mundo dos sentidos. O outro era inteligível, razoável, um mundo da visão interna. No primeiro tudo se transforma, nada persiste, e, a rigor, nada existe. No segundo tudo pode ser compreendido, portanto persiste e é real num sentido mais amplo de que o primeiro. Estes dois mundos estão ligados entre si como as duas faces de uma moeda. Através do primeiro mundo transparece o segundo. O primeiro aparece aos olhos (é fenomenal), o segundo é o padrão, a forma original do primeiro (é ideal). O problema reside em viver-se em ambos, em construir uma ponte entre ambos. (Os construtores dessa ponte serão chamados, mais tarde, "pontífices").

Também para os Hindus há dois mundos: aparência (maia) e o substrato (brahman). Mas eles não querem construir pontes, querem, pelo contrário mergulhar num salto mortal para dentro do Brahman. Os gregos não desprezam o mundo fenomenal, já que é através dele que transparece o mundo ideal. Querem aprofundar-se no mundo das aparências para descobrir no seu fundo a realidade. Essa viagem através das aparências é a ponte para as idéias, e é chamada "teoria", cuja melhor tradução parece-me é "sight-seeing" (viagem de turismo). A teoria olímpica propõe sejam os fenômenos simboli-

zados e assim represados. Os deuses são símbolos, portanto represados do mundo fenomenal, e como tais pontes para o mundo das idéias. A teoria órfica propõe sejam os fenômenos vividos com simpatia (com ritmo apropriado a eles) e portanto incorporados na mente humana e assim idealizados. O resultado da primeira teoria (a sua praxis) é o culto, o da segunda teoria é a magia.

Até que ponto continuam essas duas teorias a funcionar em nossas mentes modernas? Até que ponto continuamos nós, os netos dos gregos, olímpicos e órficos? A influência da teoria olímpica sobre a teoria científica moderna, e a influência da teoria órfica sobre o Cristianismo e sobre a Filosofia moderna são evidentes. É fácil descobrir um movimento de pêndulo na história do pensamento ocidental entre os dois extremos do apolíneo e do dionisíaco (humanismo-calvinismo-classicismo-romantismo etc.). É fácil chamar-se Russell ou Natorp, Wittgenstein ou Carnap de olímpicos, Husserl, Heidegger, Camus de órficos. É fácil e é barato. Mais produtiva talvez é uma análise do nosso próprio Eu em busca de conceitos religiosos gregos. Uma análise fenomenológica desses conceitos, em outras palavras.

F: Ananke, tyche, moira. A ciência ocidental é a descoberta progressiva da cadeia que une os fenômenos da natureza (ananke), a fim de expressá-la em símbolos matemáticos, desta forma compreendê-la, prever o futuro e modificá-lo. A deusa Ananke se despe, nesse processo, de suas vestes éticas (justiça), para ficar nua (causalidade). De certa forma é este o papel da ciência: despir a necessidade da moral, transformar seus imperativos em indicativos. Desta maneira o destino perderia o seu aspecto terrificante para tornar-se dócil nas nossas mãos (virtude olímpica — arete). O progresso da ciência consiste em subtrair setores sempre crescentes ao domínio da justiça, e eliminar o aspecto tyche do campo da Física, da Biologia, da Psicologia, da Economia para, finalmente, eliminá-lo de tudo. E desta forma transformar o aspecto moira em instrumento humano. Nada mais puxaria o mundo (tyche), e o que o impele (moira) o faria na direção por nós indicada. Ao invés de sermos governados pelo destino, utilizaríamos o próprio destino para governar olímpicamente o mundo. A natureza obedecerá à nossa vontade, justamente por obedecer às suas próprias leis (arete). A sociedade humana será organizada de acordo com essas mesmas leis, para servir à nossa felicidade (sophia). Últimamente, no entanto, surgem dúvidas quanto à eficácia do nosso método de domar

Ananke. Está aparecendo um erro fundamental na nossa atitude para com ela (Prometeo).

A arte pela arte é, tal qual a ciência, típica do Ocidente. Em tôdas as demais civilizações a arte serve à religião ou se funde (como na China) com a própria religião, somente no Ocidente é uma disciplina à parte. Não que não exista, também no Ocidente, uma arte "engagé", o que importa é o fato da existência surpreendente do *l'art pour l'art*, da arte abstrata no verdadeiro sentido da palavra. Nela é criado um mundo novo, sujeito à leis impostas pelo artista, portanto a uma Ananke despida tanto de suas vestes morais, como de sua carne causal: ao esqueleto formal de Ananke. Tal como Orfeu com sua harpa venceu o artista o destino pela força da harmonia. Desvendou o fundo escondido das aparências e mostrou ser o núcleo da necessidade composto de relações formais entre símbolos. No entanto, uma arte "dégagé", uma arte purificada de toda responsabilidade (katharsis) parece perder-se numa tautologia, perde o contato com o fenômeno (simpatia), e como tentativa de vencer Ananke parece ser uma tentativa frustrada.

G: Hybris (orgulho). Ciência e arte pura são formas modernas de hybris. Longe de considerar o orgulho um pecado no sentido judaico da palavra, o grego considera hybris como o mais nobre feito do homem. É o sinal do herói, e a ciência e a arte são heróicas nesse sentido. E suas conseqüências: a tecnologia, a liberdade política, o capitalismo, o socialismo, a submissão da Terra ao domínio do Ocidente, são igualmente heróicos. Tudo, enfim, que o espírito ocidental criou a partir da Idade Média, é marcado por hybris. Mas a nossa hybris não é mais a mesma dos gregos. Não somos mais, como Prometeu, heróis em situação extrema. Somos heróis diariamente e corriqueiramente. Desafiamos as leis da natureza (ananke) a todo passo. Voamos como pássaros, falamos a distância inconcebíveis, viajamos em carros sem cavalos, engarrafamos vozes. Fazemos tudo isto sem o mais leve sentimento de pecado ou vergonha, como o fariam os judeus, mas tampouco temos (ou tínhamos até bem pouco) o mais leve receio da ira dos deuses, como o teriam os gregos. No entanto, êsse receio começa a esboçar-se. Nossos edificios imperiais começam desmoronar-se, nossos sistemas de liberdade econômica e política estão ameaçados por dentro e por fora, nossa arte se perde no preciosismo, nossa ciência pura está revelando erros fundamentais, e nossa tecnologia assumiu uma vida quase independente da nossa vontade e está ameaçando de destruir-nos em

seu avanço furioso. Nessa situação talvez a análise do conceito "hybris" sirva de ensinamento.

H: Pneuma (espírito). Para nós, modernos, a inércia caracteriza a natureza. Um movimento de um corpo continuará indefinidamente, salvo se fôr interrompido. O movimento, longe de exigir uma explicação, explica justamente o mundo. O que queremos explicar são as modificações de movimentos. Aos olhos dos gregos a situação é inversa. O mundo, sendo um animal, se move como tal, e todo movimento deve ter um motivo. Êsse motivo é pneuma. Se um físico fôr estudar um movimento de seu braço, seria, em teoria, capaz de descobrir tôdas as forças mecânicas que resultaram o movimento. Nada faltaria e o movimento estaria totalmente explicado. No entanto, sabemos que essa explicação é falha. Na realidade eu movo meu braço porque quero. Essa verdadeira razão do movimento não pode ser encontrada pelo físico no mundo da matéria. Ela não tem lugar dentro daquêlo mundo, o qual é denso e autosuficiente. Trata-se de uma causa totalmente alheia às causas materiais, trata-se de uma causa espiritual. O que a minha vontade é para o movimento do meu braço, pneuma é para os movimentos do mundo. Êste conceito do espírito como algo totalmente diferente da matéria é tipicamente ocidental e nós o herdamos dos gregos. Alhures o espírito é uma espécie de matéria rarefeita. Os hindus e os chineses influem no "espírito" treinando o corpo, (principalmente a respiração, o que é característico). Para o budista o espírito é uma série de corpos astrais, em cujo centro é o nada. Os primitivos concebem o espírito com algo às vêzes visível, como um espectro. Para nós o espírito é, ex definitione, contrario da matéria, e isto é um dos chamados problemas eternos da nossa filosofia. Pode ser que se trate de um problema falso, mas o conceito do pneuma está tão fundo em nossa alma que dificilmente nos podemos libertar dêle. Êsse nosso idealismo permeia tôdas as nossas noções e faz com que o próprio materialismo ocidental pareça idealista, perto do materialismo radical do Oriente. A nossa distinção entre "espírito" e "alma", e o conceito do "Espírito Santo", tão inconcebível fora do Ocidente, e tão inquietante dentro dêle, prova a nossa incapacidade de sintetizar a nossa herança grega com nossa herança judia, sintetizar "pneuma" com "ruach". Os únicos verdadeiros materialistas no Ocidente são os espíritas os quais concebem um espírito materializado. Talvez por não participarem portanto da tradição grega nos parecem levemente bárbaros.

I: *Símbolo, logos, heimarmene (símbolo, palavra, ordem).*

Mais acima tentei mostrar como os gregos eram pontífices, construtores de pontes entre as aparências e a realidade, pontes da teoria. Os deuses olímpicos formam uma dessas pontes por serem símbolos, por terem significado. Símbolos são objetos que apontam, substituem e entendem outros objetos, portanto significam outros objetos. A capacidade de criar símbolos é tipicamente humana, nenhum outro animal dispõe dela. Como somente símbolos dentro de todos objetos tem significado, somente para o homem o mundo tem significado. Os símbolos gregos distinguem-se dos demais da seguinte forma: Um deus dos Bantu significa o raio. Portanto é um símbolo direto de um fenômeno. Shiva significa a destruição, portanto é um símbolo de um fenômeno, se bem que mais complicado. O Deus dos Judeus nada significa além de si mesmo. Não é um símbolo, e portanto não pode ser compreendido. (Somente símbolos podem ser compreendidos e aprendidos). Atene, no entanto, significa "a razão", e "a razão" significa uma maneira do espírito humano de enfrentar o mundo. Em última análise Atene é antropomorfa e significa o homem. Mas o significa muito indiretamente. Foi criada uma distância entre o símbolo e o fenômeno, distância esta que foi, durante a história do Ocidente alargada, continuamente. Entre o símbolo e o objeto se entrepõe toda uma série de símbolos intermediários, e são eles que formam a ponte da teoria. Assim surge o clima da lógica, essa polícia de trânsito que regula os veículos na ponte da teoria: "definindo" quando viajam do símbolo para o fenômeno, "generalizando", quando viajam em sentido oposto.

O uso consciente de símbolos resulta na magia. Na nossa civilização preferimos dizer "ciência". Nós, igual a todas as demais culturas, conjuramos simbolicamente o mundo. Fazemo-lo, entretanto, "cientificamente". Quando um bantu deseja que chova, espalha algumas gotas no chão e acompanha este ato com cantos rítmicos. As gotas simbolizam a água da chuva, o canto simboliza o seu ritmo. Quando nós desejamos que Hirochima seja destruída, espalhamos sinais matemáticos pelo papel. Os sinais matemáticos são símbolos, significam algo, mas somente muito indiretamente significam a destruição de Hirochima. Podem ser aprendidos e compreendidos sem qualquer referência a Hirochima. O resultado em ambos os casos é positivo: depois de algumas experiências chove à beira do Níger e Hirochima é destruído. (Nós preferimos pensar

que o nosso método é mais eficiente, mas, tratando-se de uma questão de estatística, não influi em meu argumento). O milagre é igualmente incompreensível no Níger como em Hirochima: foi feito um salto do símbolo para o fenômeno. No Níger o salto foi imediato, o feiticeiro pulou diretamente do símbolo para a chuva. Em Hirochima houve uma ponte pensil comprida de símbolos, sobre a qual pisaram cuidadosamente os físicos com sua lógica rigorosa. Mas entre o último elo da ponte e o fenômeno também nós fizemos o salto primitivo do símbolo para o fenômeno, demos o "Ursprung".

Este característico ocidental de usar os símbolos logicamente é uma herança dos deuses no Olimpo. Os gregos estavam vivamente conscientes da ordem simbólica reinante no Olimpo. Denominaram-na "logos". No mundo dos símbolos, no Olimpo, reina a ordem do "logos", como no mundo dos fenômenos reina a ordem da "ananke". "Logos palavra" esse símbolo "par excellence" organiza os demais símbolos, a bem dizer gramaticamente.

A lógica e a gramática se fundem no Olimpo, para formar um panteon de uma ordem ideal, sobreposta à fenomenal e correspondente com ela. "Logos" e "ananke" são as duas faces de "heimarmene" da ordem que faz do mundo um cosmos.

O conceito de logos forma, ao lado do pneuma, como fonte do nosso idealismo. Dá-lhe o cunho racional que caracteriza o Ocidente. E os dois, pneuma e logos, aliados ao conceito de Deus dos judeus, formam as Três Pessoas da Trindade.

J: *Soter, aletheia (Salvador, verdade).* Para os gregos antigos dos mistérios eleusínios a salvação e a verdade representam dois aspectos do mesmo processo violento do salto para fora do ciclo das gerações. O salvador desvenda, violentamente, diante do iniciado, a verdade. Ele estabelece uma correspondência entre o mundo das aparências e o mundo da realidade até agora velado. Diante do véu intacto, existe somente opinião (doxia), diante do véu rasgado existe sabedoria (sophia). O rasgar do véu, o estabelecimento da correspondência entre os dois mundos, é a verdade (aletheia) descoberta pelo salvador (soter). A procura da salvação é portanto idêntica com a pesquisa da verdade. E a pesquisa da verdade traz a salvação automaticamente.

Hoje parece estranho este casamento entre pesquisa científica e salvação da alma. Isto porque abrigamos em nosso subconsciente dois conceitos da verdade. Temos, como herança dos órficos, o conceito da verdade escondida, a ser desvendada, da verdade que é a correspondência entre o mundo dos

fenômenos e o mundo dos pensamentos. Essa é a verdade com a qual operam a nossa ciência e filosofia. Mas temos, ainda, como herança dos judeus, o conceito da verdade como revelação divina, como algo a ser aceito humildemente com fé e conservado nas escrituras sagradas. No entanto, não creio que conseguimos sintetizar em nossa mente essas duas verdades. Misturamos as duas verdades e disto resulta muita confusão do pensamento moderno. Em conseqüência esperamos da ciência que substitua a religião, que nos forneça àquela verdade ulterior e definitiva, a qual é somente alcançável pela fé. E esperamos da religião que nos forneça aquela verdade progressiva e verificável, que pode ser alcançada somente através do descobrimento. O resultado dessa confusão intelectual e moral era o abandono da religião por grande parte dos intelectuais nos dois séculos passados, e o desespero diante da ciência por grande parte dos pensadores da atualidade. Mas é mais fácil formular o dilema de que evitá-lo. Porque se a ciência se limita a descobrir verdades parciais e sempre mais completas, sem jamais alcançar a última verdade, sem jamais desvendar a *aletheia*, então ela se torna uma disciplina pragmática, ideal para inventar melhores aviões e telefones, mas incapaz de satisfazer a nossa sede metafísica a qual herdamos dos órficos. A ciência deixará de preencher aquele vácuo dentro da alma do Ocidente, que se abriu quando foi perdida a fé na verdade revelada. Voltaremos a ser presa dos terrores pânicos, ou da angústia e do nójo, para falar mais modernamente. Tampouco conseguiremos reencontrar a nossa fé na verdade revelada, porque essa fé não pode ser forçada. A verdade revelada não admite ser procurada, pesquisada, violentamente desvendada, ela quer ser aceita humildemente. Mas nós modernos somos demasiadamente órficos para nos esquecermos de tudo da verdade (*aletheia*), ela nos barra o caminho para a verdade (*emeth*). A nossa sede de salvação provoca no deserto séco da paisagem religiosa moderna a *fata-morgana* de um Salvador a um tempo órfico e messiânico. A filosofia moderna, especialmente as chamadas “filosofias da vida” (*Lebensphilosophien*) começa a perceber o problema claramente. Pela primeira vez em centenas de anos problemas teológicos estão no centro da especulação filosófica leiga. Do resultado dessa especulação dependerá, em parte, o mundo dos nossos netos.

K: Harmonia, entusiasmo. Ao som da flauta e da lira os mistas rasgavam o bode vivo, o deus encarnado. Ao som dos sete tons da escala enchiam a barriga de carne e sangue

divino. Assim estabeleceram um acôrdo (no sentido musical) com o deus. Graças a harmonia chegaram ao entusiasmo. Esse aspecto da alma ocidental, essa magia bárbara, era, até bem pouco tempo, relegada pûdicamente ao esquecimento pela filosofia oficializada. Os poetas e videntes místicos, figuras pateticamente isoladas no Ocidente, eram os únicos a cantar da “*unio mystica*”, da confluência entre homem e Deus. Graças a fenomenologia de Husserl, no entanto, este método órfico de apalpar a realidade readquiriu uma certa dose de respeito.

Para o mistagogo havia um abismo entre o homem e o mundo. Mas esse abismo pode ser transposto. O mundo vibra de acôrdo com as mesmas leis que fazem vibrar o homem. O mundo vibra em simpatia com o homem. Essas leis são estéticas, são as leis da harmonia. Vistas a partir do mundo, parecem ser causais, vistas a partir do homem, morais, no fundo porém são formais, podem ser tocadas na flauta ou expressas em símbolos matemáticos. Portanto o mundo pode ser encantado.

Inconscientemente, essa ordem confusa de idéias sempre dominou o nosso pensamento. Falamos em “harmonia das esferas”, procuramos a harmonia pré-estabelecida de Leibnitz, a correspondência entre as categorias reais e as categorias da razão de Kant, afirmamos, com Newton, que Deus é matemático: em breve, somos entusiastas. A maioria dos nossos problemas epistemológicos são reduzíveis aos mistérios órficos, à nossa fé absurda e irracional na harmonia no mundo, mais especialmente na matemática. Surge, porém, sempre mais claro o problema: a face formal, a face estética, a face tautológica da matemática, e com isto de toda ciência moderna. A ciência, graças a matemática, (especialmente a física), está criando um mundo tão abstrato, artificial e sem significado, quanto a pintura ou música moderna. A estetização da ciência, a ulterior fusão entre arte e ciência numa única disciplina tautológica surge como ameaça, cujos sintomas podem ser descobertos tanto na física, como na pintura e música. Essa ameaça é produto da perda da fé em uma realidade ulterior, produto da perda do entusiasmo.

L: Conclusão. Limitei-me a ilustrar uns poucos conceitos modernos que me parecem provir como herança da religião dos gregos. O leitor encontrará outros sem dificuldade. Quando uma análise como esta faz lembrar as nossas origens, sentimos, por vêzes um choque de surpresa. Possivelmente salutar, que permite um “*gnoti se auton*”, o qual, para os gregos, constituía a suma sabedoria.